

CINECLUBE DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS: Espaço de Participação e Diálogo

Valdenise Lima Pimentel Nogueira¹
Joseval dos Reis Miranda²
Maria das Graças Oliveira³

RESUMO

Distanciando-se da visão didatizante do cinema na escola, as atividades cineclubistas ampliam o repertório cultural, fomentam reflexões sobre o mundo e problematizam o pensar e o fazer cinema. Durante as sessões, o direito do encontro e a liberdade de expressão mediam a participação dos estudantes, aqui, em particular, as crianças dos quilombos Gurugi e Ipiranga, situados no Conde-PB, os quais são participantes do Cineclube da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel. Ao investigarmos o projeto de cinema, desenvolvido nesta unidade, questionamos: como se configurou a relação das crianças com esse artefato? Ancorados nesse questionamento, objetivamos analisar a participação de crianças quilombolas no Cineclube escolar. O desenho metodológico se estruturou em torno de estudos qualitativos, realizados por meio de pesquisa documental e exploratória. Para a leitura dos dados, recorremos à técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009). Os achados revelaram que as crianças participaram das atividades cineclubistas ocupando a centralidade. O Cineclube se constitui, nesta experiência, como espaço de diálogo, prazer e fomento à produção audiovisual de autoria.

Palavras-chave: Cinema; Cineclube; Crianças quilombolas

QUILOMBOLAS CHILDREN'S CINECLUB: SPACE FOR PARTICIPATION AND DIALOGUE

ABSTRACT

Moving away from the didactic view of cinema at school, film club activities broaden the cultural repertoire, encourage reflections on the world, problematizing thinking and making cinema. During the sessions, the right of encounter and freedom of expression mediate the participation of students, here in particular, children from the Gurugi and Ipiranga quilombos in Conde-PB, participants of the Cineclub of the Municipal School of Early Childhood Education and Elementary School José Albino Pimentel. When investigating the film project developed in this unit, we question: how was the relationship of children with this artifact configured? Anchored in this questioning, we aimed to analyze the participation of quilombola children in the school Cineclub. The methodological design was structured around qualitative studies, carried out through documentary, exploratory research. To read the data, we used the content analysis technique by Laurence Bardin (2009). The findings revealed that children participated in film club activities occupying the centrality. The film club constitutes, in this experience, a space for dialogue, pleasure and promotion of authorial audiovisual production.

Keywords: Movie theater; Cineclub; quilombola children.

Submetido em: 16/4/2023

Aceito em: 10/7/2024

Publicado em: 15/8/2024

¹ Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa/PB, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4868-7265>

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa/PB, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0713-0110>

³ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande/PB, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0792-5810>

INTRODUÇÃO

Este texto é um recorte de uma pesquisa já concluída⁴. Objetivamos, nesse artigo, apresentar as análises sobre a participação de crianças quilombolas no Cineclube da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel, situada no município de Conde, na Paraíba. Cineclube é lugar de encontro e, historicamente, nasce como espaço de organização de um público cujo objetivo é dialogar sobre as obras cinematográficas exibidas, as quais são desvinculadas das amarras mercadológicas do cinema hegemônico.

Quando o Cineclube chega à escola, cria novas maneiras de acesso aos sujeitos envolvidos, bem como de relação, sejam eles adultos ou crianças, com o cinema. A partir das imagens projetadas, é possível desvelar intenções humanas, fomentar o encontro com o outro, imaginar mundos possíveis, desenvolver uma escuta reflexiva e afetiva, além de promover o encontro crítico e inventivo com a linguagem audiovisual. Trata-se de um caminho diferente de olhar e viver a arte cinematográfica. Tais temas serão abordados nesse texto.

Atualmente, pesquisas apontam que ainda é recorrente o uso do cinema nos contextos escolares como disparador de temáticas trabalhadas nas disciplinas e como entretenimento (Eckert; Baumgratz; Hermel, 2022; Santos; Araújo; Carvalho, 2019). Ampliar esse olhar é um desafio cotidiano, pois o acesso aos filmes está ao alcance da palma da mão.

Embora tenhamos convicção de que, por parte de alguns professores, as possibilidades metodológicas para o trabalho com o cinema apresentam-se como algo estranho, há registros de experiências exitosas no campo da relação entre cinema e educação, dentre elas, o projeto “Inventar com a Diferença, Cinema e Direitos Humanos”, desenvolvido, a partir do ano de 2014, pela Universidade Federal Fluminense e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Centrado em três importantes áreas – educação, cinema e direitos humanos –, o referido projeto alcançou 26 estados brasileiros, além do Distrito Federal. Essa experiência oportunizou a implantação de vários Cineclubes escolares, formação de professores, produção de filmes pelas crianças, entre outras atividades. O Cineclube da Escola José Albino Pimentel, *lócus* de nosso estudo, é fruto desta experiência, como veremos a seguir.

Estruturamos aqui a análise em três partes, assim ordenadas: inicialmente apresentamos o percurso metodológico da pesquisa; em seguida, tecemos algumas ponderações sobre o Cineclube das crianças; logo depois, estabelecemos a relação entre o planejamento e a mediação nas sessões de Cineclube.

⁴ Dissertação intitulada Crianças Quilombolas em um Cineclube Escolar: Participação e Protagonismo. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24227>. Acessado em 29.06.24.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Definir o percurso metodológico é, no mínimo, desafiador, porque exige do/a pesquisador/a um bom aporte teórico, sensibilidade para fazer escolhas e liberdade para criar percursos de aprendizagem. Assim, cientes desta importância, desenvolvemos a presente investigação pautada na abordagem qualitativa, uma vez que, para Maria Cecília Minayo (2001), a abordagem de pesquisa em tela,

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 22).

Ao corroborar o entendimento acerca da pesquisa qualitativa, Augusto Triviños (1995) ressalta que há dois enfoques neste tipo de estudo. O primeiro, denominado subjetivista-compreensivista, centra-se na leitura do sujeito e do contexto, bem como nos significados estabelecidos nessa relação. O segundo refere-se ao enfoque crítico-participativo com visão histórico-estrutural, que parte da necessidade de se conhecer a realidade, objetivando transformá-la em processos contextuais e dinâmicos.

Para a realização da presente investigação, optamos pelo enfoque subjetivista-compreensivista, porque a estrutura metodológica privilegiará reflexões e considerações centradas nas relações, aqui, em particular, aquelas nas quais as crianças quilombolas estabeleceram com o Cineclube escolar.

Este estudo também se caracteriza como sendo uma Pesquisa Documental. O fenômeno pesquisado foi estudado a partir de documentos primários, os quais nunca haviam sido submetidos à análise para elaboração de estudos, constatação de evidências e declarações de pesquisadores. Desse modo, lançamos mão de textos elaborados pelas crianças quilombolas; produções audiovisuais de autoria destas e relatório sobre o registro histórico das atividades desenvolvidas no projeto de cinema na Escola José Albino Pimentel. Para análise dos documentos, utilizamos a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009), conceituada pela autora como sendo,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2009, p. 42).

Nessa conjuntura, a interpretação do *corpus* documental foi realizada em observância às fases descritas por Laurence Bardin (2009), sendo elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Tendo em vista que, segundo a referida autora, as categorias podem ser formuladas *a posteriori*, optamos por defini-las a partir dos conteúdos presentes no *corpus* documental e estudados durante as análises.

A primeira fase foi composta por escolha dos documentos, formulação de hipótese e elaboração de indicadores que fundamentassem a interpretação final. Tais fatores, apesar de interligados, não acontecem concomitantemente: seu objetivo foi

organizar, tornar operacionais as ideias iniciais. Assim, foram feitas a leitura fluante, a escolha dos documentos a serem analisados e a constituição do *corpus* documental (Bardin, 2009). Na segunda fase, ocorreu a codificação e a categorização do material. A codificação é a transformação do material, feita por meio de um recorte, agregação e enunciação, permitindo, assim, alcançar uma representação do material e, consequentemente, o enunciado do conteúdo (Bardin, 2009).

Por sua vez, na sequência da nossa análise, no terceiro momento, aconteceu a interpretação dos resultados, realizada por meio da inferência e apoiada nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: [...] “por um lado a mensagem (significação e código) e suporte ou canal, por outro, o emissor e receptor, enquanto polos de inferência propriamente ditos” (Bardin, 2009, p. 133).

Não poderíamos deixar de mencionar que o *lócus* da pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel. A referida unidade escolar está localizada na intersecção entre os quilombos Gurugi e Ipiranga, em Conde-PB. Fundada em 1979, esta escola atende a estudantes dos quilombos Gurugi e Ipiranga, situados no município de Conde–PB, e suas adjacências. Trabalha com os segmentos de educação infantil e ensino fundamental, anos iniciais. No momento, atende a um público de 250 crianças entre 4 e 12 anos⁵.

2 CINECLUBE DAS CRIANÇAS

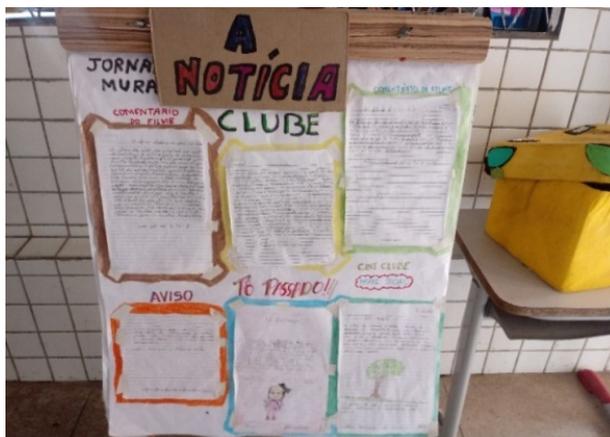
Para Migliorin e Pipano (2019), o cinema na escola provoca a comunidade que dela faz parte, não pelas narrativas que apresenta, mas porque mobiliza o real que afeta o próprio real. A atividade cineclubista pode ser tomada como esse lugar de afetação, a exemplo do que ocorreu na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel.

Durante a pesquisa, identificamos que a dinâmica vivida pelos/as estudantes no Cineclube se transformou em matéria jornalística dentro da própria escola. Esta matéria foi elaborada pelas crianças do 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais –, dos turnos manhã e tarde, as quais estavam vinculadas ao projeto didático *Jornal Mural*, coordenado por Manoel Cosmo, professor desta unidade educacional. As crianças declararam em seus textos o que significou a experiência do Cineclube.

Para produzir a escrita sobre o Cineclube, elas lançaram mão de entrevistas junto a seus pares e anotações relativas às sessões Cineclubistas. Os textos foram anexados em um suporte de madeira, do tipo cavalete *flip-chart*, o qual foi disponibilizado no rol de entrada da escola, possibilitando, assim, também aos visitantes, o acesso aos conteúdos apresentados por seus autores.

⁵ Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS parecer nº 4.736.116 e autorizado pela Secretaria de Educação do Município de Conde-PB e pelo Conselho Escolar da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel.

Figura 1 – Jornal das crianças cineclubistas

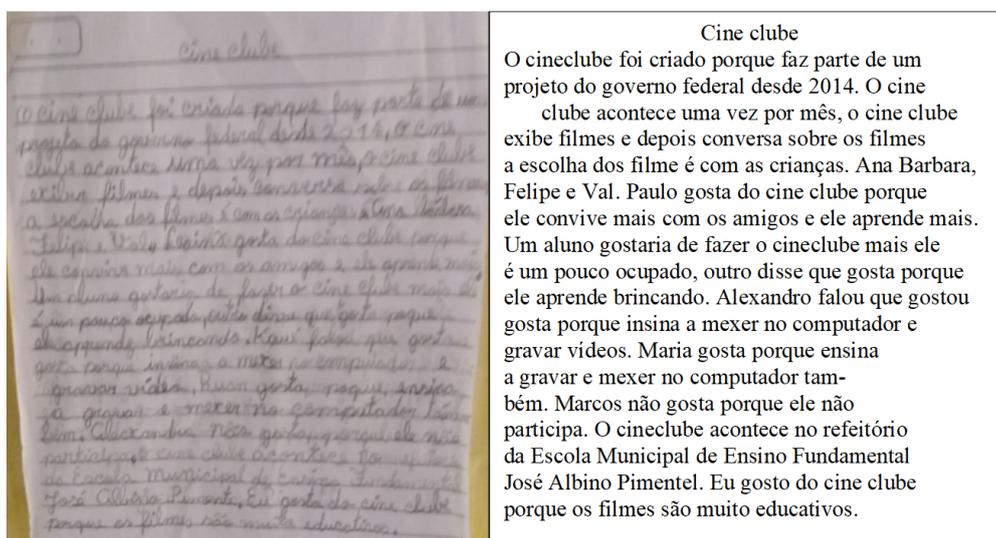


Fonte: acervo de imagens dos pesquisadores

Este ato de compartilhamento promovido pelas crianças favoreceu nossa aproximação em torno do que elas teriam a dizer sobre sua participação nas sessões cineclubistas. Estarmos atentos à leitura que elas revelaram de suas vivências constituiu atitude permanente na elaboração de nossa pesquisa.

Do conjunto de textos disponibilizados no mural, realizamos a análise de um, o qual foi escolhido por ser a escrita que tratou especificamente da atividade Cineclubista na escola, como se pode ver na imagem a seguir. Ao lado da imagem, transcrevemos a escrita das crianças de modo fiel ao texto original.

Figura 2 – Escrita das crianças sobre o Cineclube



Fonte: Texto do Jornal Mural da Escola José Albino Pimentel, 2019.

Interessante observarmos que, de início, o texto situa historicamente o Cineclube na escola e revela como se deu a dinâmica. *“O Cineclube foi criado porque faz parte de um projeto federal desde 2014. O cine clube acontece uma vez por mês, o cine clube exhibe filmes e depois conversa sobre eles, a escolha dos filmes é com as crianças...”*

De fato, as atividades com o cinema na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel se iniciaram na primeira edição do *Projeto*

Inventar com a Diferença: Cinema, Educação e Direitos Humanos, ano de 2014. A continuidade desse trabalho foi assegurada na segunda edição deste projeto, promovida pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) e a Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Educação, Justiça e Cidadania em setembro de 2016, contando com a parceria local da iniciativa privada Semente Cinematográfica.

Uma vez destacada a origem do Cineclube na Escola José Albino Pimentel, como é comumente chamada, as crianças salientaram como ocorreram as atividades cineclubistas. O primeiro aspecto ressaltado foi que, depois da exibição dos filmes, elas conversavam sobre a obra.

De acordo com o Dicionário On-line de Português⁶, conversar significa troca de palavras, de opiniões, de ideias, de informações entre duas ou mais pessoas sobre algo abstrato ou determinado.

Durante a pesquisa, constatamos que, para esse momento, era reservada uma carga horária bastante significativa, posto que a programação consistia em boas-vindas, definição de acordos para promover a participação de todos/as (silêncio durante a exibição dos filmes, respeito à fala do outro durante a roda de conversa, entre outros), 30 minutos para exibição de filmes de curta-metragem e 30 minutos para diálogo sobre as obras.

Portanto, uma das formas de participação das crianças na atividade Cineclubista acontece por meio da conversa. Segundo Diaz Bordenave (1983, p. 23), a “[...] prova de fogo da participação não é o quanto se toma parte, mas como se toma parte”. Ou seja, a participação precisa ser compreendida, sobretudo, à luz de seus aspectos qualitativos.

Na atividade cineclubista, o mais importante não é o número de vezes que as sessões de cinema acontecem, mas o que pode oportunizar a dinâmica que se estabelece nesse encontro, afinal, Cineclube não é espaço de mera exibição de filmes. Antes, é lugar de encontro em que deve ser assegurado o compartilhamento das experiências provocadas a partir das narrativas fílmicas. A conversa flui porque o que acontece se transforma em conteúdo de diálogo.

Para Lutiere Valle (2014), o cinema se coloca como artefato cultural promotor de reflexões sobre o que vemos de nós, como vemos ou porque vemos desta e não de outra forma. Também nos incita a pensar sobre nossa existência, uma vez que todos os artefatos culturais podem gerar experiências pedagógicas.

No cinema a vida se revela. No encontro com essa arte, há um convite para que nosso olhar se torne sensível às muitas leituras acerca dos acontecimentos. A realidade existencial e os desafios do mundo contemporâneo se constituem como elementos a serem refletidos. Essa atitude não é uma prerrogativa do mundo adulto: as crianças também dialogam sobre o que pensam acerca do que veem na tela.

Sensíveis às falas das crianças durante as sessões de cineclube, foi possível registrar, em nosso caderno de campo/memória, a conversa entre as crianças do 3º ano do ensino fundamental, turno da manhã, no 1º bimestre de 2017, as quais serão mencionadas mais adiante.

⁶ Dicionário On-line de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/conversa/> Acesso em: 09 dez. 2021.

Na ocasião, o filme exibido foi *Disque Quilombola*, dirigido por David Reeks, um documentário de 13 minutos, lançado em 2012. Trata-se de um documentário que tem a participação de um grupo de crianças de duas localidades: a comunidade quilombola de São Cristóvão, em São Mateus, no Espírito Santo, e o Morro São Benedito, na cidade de Vitória, também Espírito Santo.

A narrativa gira em torno do diálogo entre crianças que, até então, não se conheciam. Para promover a comunicação, elas lançam mão da brincadeira de telefone sem fio. O objeto utilizado para mediar a comunicação é composto de duas latas amarradas nas extremidades por um cordão. Durante o diálogo, as crianças compartilham seus modos de vida. De forma divertida, envolvente, elas revelam as características de suas infâncias.

Após a exibição do filme, a mediadora da sessão abriu o espaço para discussão. As crianças quilombolas passaram a narrar que conheciam a brincadeira do telefone sem fio, que gostaram da música nas cenas, das comidas, das danças, das brincadeiras engraçadas dos meninos. Percebendo o entusiasmo das crianças, um dos mediadores assumiu o papel de escriba, registrando no quadro os relatos apresentados pelas crianças da Escola José Albino Pimentel.

Sem hesitar, elas falaram de tudo o que lhes veio à mente, relacionando os lugares, as pessoas, os objetos e as manifestações culturais dos Quilombos Gurugi e Ipiranga às cenas apresentadas no filme. Esse mergulho possibilitou o compartilhamento das representações elaboradas pelas crianças acerca do que elas ouvem, veem, sentem e pensam de seus quilombos. Seguem as falas das crianças, registradas conforme enunciadas por elas próprias:

Carmelita⁷: - Aqui tem rio, o rio Gurugi, Felipe. Eu vou com minha mãe.

Sônia: - Na minha casa tem pé de abacate e manga

Antônio: - Aqui tem dança. Eu sou dos Clamores Antigos e também do grupo de Ana do coco⁸. (sic)

Pedro: - Aqui tem Raça Negra⁹.

Cláudia: - Tem lapinha, é de Dona Zefinha¹⁰!

Paulo: - Aqui tem menino que joga capoeira. Minha mãe não deixa.

Felipe: - Meu pai tem roçado.

Rayssa: Eu já comi tanajura com farinha também.

Joana: A festa daqui é de São Sebastião. Lá da igreja católica. (sic.)

⁷ Os nomes das crianças foram substituídos para preservar a identidade das crianças participantes.

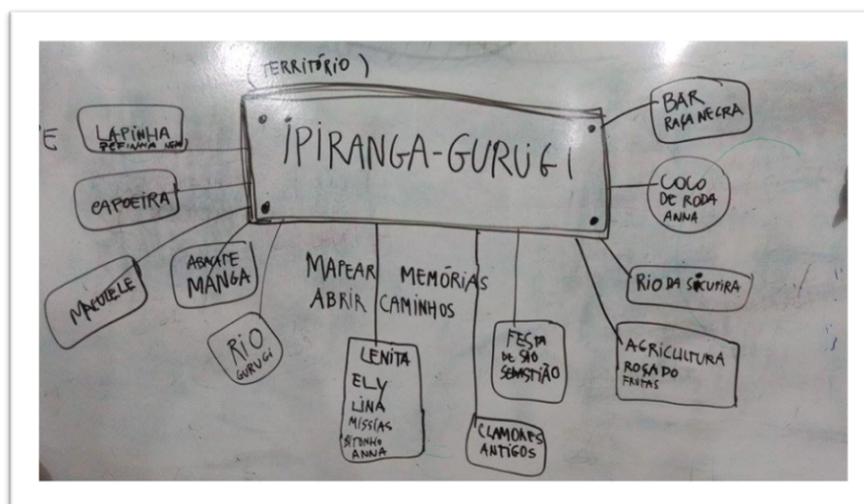
⁸ Ana do Coco é como popularmente é conhecida a Mestre do grupo de Codo de Roda Novo Quilombo.

⁹ Raça Negra é o nome de um bar comumente frequentado pela comunidade, especialmente nos finais de semana.

¹⁰ Dona Zefinha é o nome de uma das senhoras da comunidade, pessoa que durante muitos anos foi responsável pela organização das apresentações da Lapinha na comunidade.

Interessante observar que as crianças descrevem o quilombo, apontando aspectos diversos. Na medida em que a síntese das falas das crianças foi sendo registrada no quadro, conforme apresentado na imagem abaixo, o diálogo fluía com maior intensidade, como se uma imagem se conectasse a outras para formar uma tela completa.

Figura 3 – Quilombos Gurugi e Ipiranga



Fonte: arquivo da Escola José Albino Pimentel, 2017.

A fala esteve centrada nas crianças e não nos adultos. O diálogo fluiu sem muitos questionamentos, necessitando apenas assegurar, aos que desejaram compartilhar suas leituras, o devido respeito ao seu modo e ao tempo necessário de cada fala. “O cinema na escola não pode ter pressa” (Migliorin, 2015, p. 30).

Nas sessões cineclubistas, é imperativo acolher, sem censura, a subjetividade dos participantes. Quando o público é composto de crianças, e suas falas estão marcadas pelas emoções, esse momento se torna especial.

É possível que a fala espontânea das crianças, durante a sessão do Cineclube, esteja relacionada à identificação com a temática do filme apresentado, à participação de seus pares nos diálogos, à ausência de cobrança de conteúdo específico, bem como pela oferta de disponibilidade de tempo destinado, exclusivamente, à conversa.

A cena observada parece indicar que, para as crianças da Escola José Albino Pimentel, o Cineclube não é espaço para monólogos, não demandando que alguém, após exibir os filmes, explique conteúdos a eles relacionados. Não há lugar para estabelecimento de estruturas hierárquicas: de um lado o mediador, aquele que tudo sabe, do outro, as crianças, que ali estão para aprenderem algo. A esse respeito, Cezar Migliorin e Isaac Pipano (2019, p. 40) esclarecem: “Para ser um espectador de cinema, a igualdade e a possibilidade de fruição é anterior a qualquer hierarquia”.

Ao refletirmos sobre a necessária ausência dessas estruturas hierárquicas rígidas, não estamos afirmando que o lugar do mediador se dissolve. Estamos considerando que o diálogo flua sem que um sujeito se sobreponha ao outro.

Ao compartilharem ideias, relacionando a vida nos seus quilombos àquela vivida pelos personagens da narrativa fílmica, elas demonstraram que sabem compartilhar a

leitura que realizam das obras assistidas, bastando que lhes seja assegurado o tempo necessário. A esse respeito, Gusmão e Teixeira (2012) esclarecem:

O trabalho de cineclubismo proporciona a experiência estética, a experiência do conhecimento e do encontro com a alteridade, com a linguagem fílmica e múltiplos horizontes e possibilidades de ver, rever e reinventar o mundo, de repensar nossos pensamentos e saberes, de ampliar sensibilidades e inquietações. (Gusmão; Teixeira, 2012, p. 75).

Nesse eixo interpretativo, ao discorrer sobre experiência, Bondía (2014) ressalta que a falta de tempo impossibilita a elaboração da experiência. Para ele, há uma pressa excessiva alimentada pela dinâmica dos estímulos e obsessão pela novidade, impedindo a conexão significativa entre acontecimentos. O sujeito moderno quer estar permanentemente excitado, tornando-se incapaz de silêncio, diz o referido autor.

É notório que administrar o tempo na educação escolar não é fácil, porque os ritmos e conteúdos, a serem ministrados pela escola, estão geralmente marcados por muitas demandas, asfixiando as possibilidades de elaboração das experiências dos estudantes. Nesse sentido, Alice Martins (2014) acrescenta:

No mais das vezes, quando a escola decide abrigar algum filme em seus projetos, contorce-se entre os fragmentos de horários e quase nunca consegue espaço adequado para encaixar o tempo da narrativa fílmica. Esta se encontra, sempre, acuada, sob a ameaça de ser destrocada em várias partes, cuja degustação acaba sendo autorizada ao modo da dosagem de comprimidos terapêuticos, ministrados em pequenas quantidades regularmente espaçadas (Martins, 2014, p. 185).

Em uma roda de conversa cineclubista, as subjetividades são desnaturalizadas, pois o que e como pensamos não é obra do acaso. A cena de um filme, quando discutida adequadamente, fomenta o entendimento do porquê e como nossos olhares são construídos. “Nos Cineclubes, há discussão criteriosa e séria de filmes, com lugar para o encantamento, o lúdico e a afetuosidade na relação com o cinema” (Gusmão; Teixeira, 2012).

Acreditamos que um dos grandes desafios para a construção de um projeto de cinema na escola é a capacidade de lidar com o tempo em todos os aspectos. O tempo dos sujeitos da escola, adultos e crianças; o tempo do processo; o tempo da experiência individual e coletiva.

Uma das mais significativas contribuições que as atividades cineclubistas escolares asseguram às crianças é o tempo devido para exercício do direito à fala, permitindo que a livre expressão possa fluir, construindo formas de estar no mundo. Segundo Cristina Gouvêa (2011, p. 552), “é na linguagem que a criança se faz sujeito, permitindo que suas experiências sejam subjetivadas, significadas e compartilhadas”.

Para as crianças quilombolas, importa muito romper seus silenciamentos. Em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, como o Brasil, que atinge o cotidiano das crianças negras por meio de desqualificações e exclusões, inclusive de fala, as relações pessoais e interpessoais são extremamente afetadas. Uma atividade cineclubista, quando inserida em um território quilombola, não pode ignorar essa realidade.

As falas das crianças quilombolas precisam ser respeitadas e valorizadas. Assegurar o tempo necessário para sua elaboração e manifestação é dever dos adultos. Negar-lhes o direito à fala é tão desrespeitoso quanto o racismo.

A professora Inês Teixeira ressaltou, em roda de conversa transmitida ao vivo, no dia 13 de agosto de 2020, pelo Programa de apoio em Educação Audiovisual¹¹, no YouTube, que o audiovisual, seja ele o cinema ou qualquer outro, faz uma mediação entre as crianças, seus pares e adultos, sejam eles/as os/as professores/as ou educadores/as de forma geral.

Para a referida professora, o uso do audiovisual precisa ser pensado à luz do entendimento de que é nossa responsabilidade promover uma educação que nos torne mais humanos, mais comprometidos com uma formação em que as crianças se tornem sujeitos integrais, com desenvolvimento intelectual, ético-moral, estético-expressivo e capazes de habitar a *pólis*, de fazer história.

Um projeto educativo com as características destacadas pela professora Inês Teixeira, em que, no centro das ações, encontram-se os indivíduos, digo, aqui em particular, as crianças quilombolas, é, sem dúvida, uma demanda urgente para nossa sociedade. O Cineclube pode se constituir como cenário deste grandioso projeto, desde que as pessoas ocupem o centro de sua dinâmica.

Como vimos, as crianças, inteligentes como são, discerniram que, no Cineclube, o encontro com seus pares é realmente a grande celebração. Na companhia de seus colegas, elas sabem que se fortalecem, experimentam o prazer de uma vida comunitária, produzem cultura.

Uma das características da cultura infantil é seu caráter coletivo. A criança produz cultura na relação com o outro, no seu grupo de pares e também com os adultos. Ela necessita dessa relação para se ancorar e desenvolver suas atividades. A produção da criança se dá a partir de suas interações, especialmente quando a atividade é algo completamente novo (Gouvêa, 2011).

Durante a leitura das obras cinematográficas, vários sentidos são acessados, de forma concomitante, ou não. A partir deles, as crianças compartilham o que pensam e o que sentem, elaboram conhecimentos, compartilham ideias e apropriam-se de outras. Portanto, aprendem de forma colaborativa.

O Cineclube é sustentado pelo diálogo com tudo, todos e todas. Nesse lugar, as crianças descobrem que podem se manifestar: falar, chorar, sorrir, gargalhar, refletir, provocar, discordar, aborrecer-se, encantar-se, silenciar e, às vezes, até gritar, ocupando a centralidade na dinâmica escolar. Afinal, elas estão diante de uma linguagem potente que afeta o corpo, as emoções, o intelecto e as relações. Para contribuir com esse entendimento, Rosália Duarte (2002) acrescenta:

Ao longo de seus mais de cem anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados (Duarte, 2002, p. 37).

¹¹ Programa disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OWZ_k_YTprw Acesso em: 11 dez. 2021.

Nesse eixo interpretativo, para Clarice Cohn (2013), a criança possui papel ativo dentro das relações sociais. Esteja onde estiver, ela irá interagir com os pares e adultos do seu entorno. Além disso, a criança se diferencia do adulto qualitativamente: seu conhecimento não está aquém, ela possui outros saberes, (re)produz culturas, elabora sentidos para o mundo e suas experiências.

No Cineclube Escolar, é oportuno que a Lei nº 13.006/14 encontre espaço para sua aplicabilidade, mas é necessário que este acontecimento esteja ancorado em objetivos educacionais que atendam às expectativas dos/as estudantes. No caso da Escola Albino Pimentel, como aqui temos discutido, um dos anseios das crianças é a participação, de modo a viver uma prazerosa relação de convivência com os amigos.

É oportuno ressaltar que o cinema, na escola, não pode ser administrado como uma camisa de força, isto é, uma mera obrigação cumprida pela escola diante de uma imposição legal, sem que isso implique uma compreensão da proposta. As crianças quilombolas expressaram com objetividade, significando uma atividade cineclubista para elas. Aos adultos, profissionais da educação, compete também tal compreensão.

A professora Inês Teixeira (2020), em entrevista citada anteriormente, ressalta que é preciso questionar a presença do audiovisual e do cinema na escola: “- Por que, para que, como podemos incluir o cinema na escola?”; “- Será que é só porque queremos ser “moderninhos”?”, “- Só porque as crianças gostam?”, “- É preciso pensar qual o sentido dessa inclusão”.

Nesse sentido, participar de uma atividade cineclubista a partir do entendimento de que este espaço se destina à convivência atravessada pela obra cinematográfica foi uma escolha das crianças: aos mediadores do processo, coube lidar com essa compreensão.

A participação das crianças durante as atividades cineclubistas não ficou restrita ao ambiente escolar: elas ousaram compartilhar suas experiências com a sétima arte em sala de cinema comercial.

Foi pensando no quanto poderia ser rico e prazeroso ir à sala de cinema comercial que os mediadores do projeto de cinema da Escola Albino Pimentel conseguiram promover, durante o transcurso do ano letivo de 2017-2018, três sessões de Cineclube, todas realizadas no Cine Banguê, localizado no Espaço Cultural, em João Pessoa-PB. Para muitas crianças quilombolas, esta foi a primeira vez em que estiveram numa sala de cinema.

Com a mediação dos responsáveis pelo projeto de cinema na Escola José Albino, a escola conseguiu estar na lista de unidades educativas participantes do projeto do governo do Estado da Paraíba intitulado *Projeto Cine Recreio*, uma iniciativa da Fundação Espaço Cultural da Paraíba e Cearte – Centro Estadual de Artes – cujo objetivo é colaborar com a formação artística de crianças, jovens e adultos, promovendo sensibilização e despertando o interesse pelo cinema como forma de conhecimento e crescimento humano.

O entusiasmo que as crianças manifestaram ao viver esse momento na companhia de seus pares foi notório. A possibilidade de sair da escola para assistir filmes em uma sala de cinema foi acolhida pelas crianças com júbilo. Os dias que antecederam a ida foram de muita excitação. Especialmente entre as crianças, não se falava em outra coisa.

Chegou a hora! A alegria foi contagiante. Olhares reluzentes pareciam fotografar na memória cada canto da sala. A mediadora da sessão fez uma breve abertura, agradecendo a presença das crianças e dos adultos responsáveis. Em seguida, esclareceu as normas a serem respeitadas para que fossem garantidas a segurança e a acolhida de todos/as. Além disso, apresentou informações gerais sobre as obras a serem exibidas, convidando as crianças a compartilharem suas experiências ao final.

Durante a apresentação dos filmes, naquela tarde no Cine Banguê, as crianças sorriam, conversavam com seus pares sobre os personagens e acontecimentos. Durante as cenas que envolviam músicas, algumas se levantavam para dançar no meio do grupo e batiam palmas. Em outros momentos, o silêncio se apresentava com uma quietude tão intensa que o menor ruído provocava irritação. Logo se ouvia: Psiuu!!!!!!

Ao também relatar essa experiência, Jaquicilene Alves e Patrícia Aragão (2018) publicaram:

[...] na sala de cinema, sentiram as poltronas, encantaram-se com a grande tela, assustaram-se com o volume do áudio e assistiram a um filme nacional, reafirmando a amplitude que a arte cinematográfica representa como prática educativa e linguagem interacional. Como professora, vivenciei o entrelaçamento entre a visita ao cinema, o filme nacional – como rege a Lei nº 13.614/14 – e o aproveitamento nos demais campos da aprendizagem (Alves; Aragão, 2018, p. 87).

Para Adriana Fresquet (2013, p. 52), “a escola não pode garantir o encontro íntimo e pessoal com as artes, mas pode garantir espaços e tempos para propiciá-lo”. É possível que, nessa experiência, as crianças tenham vivido momentos inesquecíveis, guardando na memória as alegrias e realizando seus direitos a um tempo de infância.

Ao refletirmos sobre como pode a escola mediar essa relação com o cinema, trazemos as contribuições apontadas por Alain Bergala (2008, p. 64-72), quando ele destaca quatro papéis que a escola não pode negligenciar:

- Organizar a possibilidade do encontro com os filmes. Para tanto, é necessário diversificar os dispositivos e as estratégias para colocar os estudantes em contato com acervos de filmes que não os da indústria comercial;
- Designar, iniciar, tornar-se passador, abandonando por alguns momentos o papel de professor e, na relação de entrega com os estudantes, se expor, compartilhando gostos pessoais, preferências e suas relações com a obra cinematográfica;
- Aprender a frequentar os filmes: o papel da escola seria o de facilitar acesso regular, vivo, individualizado ao filme, introduzindo os estudantes em uma leitura criativa das obras, acolhendo a alteridade do encontro artístico, criando as condições favoráveis para essa construção;
- Tecer laços entre os filmes, oportunizar espaços em que possam ser feitas relações entre as obras cinematográficas do presente e passado, entrelaçando-as com outras produções culturais, combatendo, assim, a cultura *zapping*, em que se sai de um objeto para outro sem os religar em conexões e desconexões aleatórias e excitantes.

As indicações apresentadas por Alain Bergala (2008) tornam flagrante que a escola pode contribuir muito com a inserção das crianças no cinema de arte e criação: a atividade cineclubista pode ser uma grande porta que se abre para efetivação dessa construção.

Ao discutir sobre filmes na escola, Rosália Duarte (2002) chama atenção para o necessário investimento de espaços e equipamentos adequados nas unidades de ensino da educação básica e ensino superior para exibição regular das obras cinematográficas, destacando a dura realidade de vivermos em uma sociedade em que a maioria das escolas sequer tem bibliotecas, jornais e revistas.

Diante dessa dura realidade, chamamos atenção para a importância do acesso à cultura, que, embora seja fundamental para o aprendizado do exercício da cidadania, comumente recebe pouca atenção dos setores governamentais. Alinhado a essa compreensão e ampliando o entendimento, o discurso de posse do ministro da Cultura Gilberto Gil (2003)¹² acrescenta:

Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, criar condições de acesso universal aos bens simbólicos. Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, proporcionar condições necessárias para a criação e a produção de bens culturais, sejam eles artefatos ou mentefatos. Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, promover o desenvolvimento cultural geral da sociedade. Porque o acesso à cultura é um direito básico de cidadania, assim como o direito à educação, à saúde, à vida num meio ambiente saudável. Porque, ao investir nas condições de criação e produção, estaremos tomando uma iniciativa de consequências imprevisíveis, mas certamente brilhantes e profundas já que a criatividade popular brasileira, dos primeiros tempos coloniais aos dias de hoje, foi sempre muito além do que permitiam as condições educacionais, sociais e econômicas de nossa existência. Na verdade, o Estado nunca esteve à altura do fazer de nosso povo, nos mais variados ramos da grande árvore da criação simbólica brasileira (Gil, 2003).

Como ressaltou Gilberto Gil (2003), ao Estado, compete a responsabilidade de prover condições favoráveis para a democratização do acesso e produção de bens culturais, dentre esses, destaco os filmes que integram a cultura cinematográfica brasileira. Para Rosália Duarte (2002), arte é conhecimento. Precisamos, portanto, fazer o exercício de reconhecer o cinema nesse lugar, desprendendo-se da ideia de mera espetacularização e diversão.

Reconhecemos que essa construção é um desafio, pois exige sensibilidade, escuta acolhedora e provocações paulatinas, especialmente quando o espectador é a criança. O acesso ao cinema não hegemônico ainda é privilégio de poucos. Na maioria das escolas, o que se observa, no cotidiano, é o predomínio da indústria *hollywoodiana* definindo as escolhas das obras cinematográficas.

É certo que a escola não pode se esquecer dos papéis descritos por Alan Bergala (2008), mas, no contexto brasileiro, esse amadurecimento precisa vir acompanhado da militância por condições mínimas para sua efetivação. Gilberto Gil (2003) adverte que é responsabilidade do Estado criar condições de acesso universal e possibilidades de criação para os bens simbólicos, sejam eles artefatos ou mentefatos.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml> Acesso em: 14 dez. 2021.

Ir à sala de cinema comercial, além de ser uma prazerosa experiência, precisa acontecer como garantia de um direito para todos/as. O comportamento das crianças, na sala de cinema comercial, descrito anteriormente, é revelador que, ao viver com intensidade esse momento, elas situam-se no presente, não como seres passivos, mas como indivíduos que agem e reagem, percebem seu entorno, dialogam com ele, reconhecem o outro e a si mesmos. Nesse processo, produzem sua cultura.

Sobre a experiência das crianças com o cinema, Cezar Migliorin e Isaac Pipano (2019, p. 40) pontuam: “O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme”.

Para Adriana Fresquet (2013, p. 23), as aulas de cinema, na escola, são promotoras da possibilidade de sofisticar e diversificar o gosto. É possível haver, no primeiro momento, [...] “algum silêncio, que alteram as expectativas do que comumente nos é dado a ver nos cinemas de *shoppings* e na TV. Filmes que não satisfazem o gosto de imediato” (Fresquet, 2013, p. 23).

Acreditamos que aprender a gostar é realmente uma construção que se dá de forma processual, mas que exige condições concretas. Para contribuir com esse entendimento, acrescenta Rosália Duarte (2002):

[...] gostar significa apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a própria vida e a sociedade em que se vive. Para isso, é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente em que essa prática seja compartilhada e valorizada (Duarte, 2002, p. 89).

Para tanto, é preciso haver efetivo investimento, especialmente do poder público, porque, para muitas crianças que residem em grandes metrópoles e cujas famílias dispõem de poder aquisitivo para ampliar o repertório cultural, acessar ou não estas obras pode ser uma questão de escolha. O mesmo, no entanto, já não pode ser dito de crianças cujas famílias, marcadas pelas condições de desigualdades social e econômica, priorizam os bens de subsistência e não o investimento a um amplo acesso a bens culturais, a exemplo de muitas famílias que residem em comunidades quilombolas.

As atividades cineclubistas são espaços de fomento à cultura, oportunizando reflexões sobre as obras cinematográficas e promovendo encontros nos quais os saberes podem ser partilhados, o que estabelece intencionalidades educacionais concretas. “Um filme constitui-se uma experiência emocional/sensorial, dotada de sentido e significado, deixando registrado no nosso cérebro alguma ideia/pensamento/conceito” (Valle, 2014, p. 145). Portanto, os filmes educam na medida em que tecem nossa subjetividade.

Chamou-nos atenção no texto das crianças, publicado no *jornal mural*, que o verbo gostar é flexionado oito vezes, quase sempre acompanhado da expressão “por que”. Acreditamos que essa expressão tem um importante significado para as crianças, especialmente porque elas trazem, sempre, uma justificativa para sua escolha.

A palavra gostar, segundo o dicionário On-line Priberam da Língua Portuguesa, é de origem latina *gusto - are*, que significa provar, ter prazer em ver ou em sentir, ter satisfação em. Partindo desse entendimento, podemos inferir que o Cineclube é considerado pelas crianças um lugar prazeroso, em que se gosta de estar.

Esse gostar pontuado pelas crianças acontece também porque elas fazem uso de ferramentas tecnológicas, aqui, em particular, os computadores: “*Alexandro falou que gostou porque ensina a mexer no computador e gravar vídeo*”. Podemos, então, inferir que outra forma de participação das crianças no Cineclube se dá pela utilização de recursos necessários à realização de suas produções para exibição nas sessões cineclubistas.

As práticas com o audiovisual estão dentro e fora da escola. Ainda que a escola não disponha de um acervo grande de equipamentos para trabalhar com a mídia digital, essa cultura perpassa a vida das crianças de diferentes formas. Desse modo, o que foi possível observar é que, nas atividades cineclubistas, elas revelam que se apropriam rapidamente daquilo que ainda não sabem e conseguem se organizar para fazer a sessão acontecer.

3. PLANEJANDO E MEDIANDO AS SESSÕES CINECLUBISTAS

Constatamos que o interesse pelas atividades cineclubistas era crescente. Em 2019, esse envolvimento levou a escola a desenvolver um trabalho aproximando a educação audiovisual do método Paulo Freire e a Pedagogia de Projetos. O projeto foi construído tendo como base o Cineclube escolar, com práticas estruturadas em dois eixos: ver e fazer.

Os encontros aconteceram no contraturno, no refeitório da escola, uma vez por semana e contaram com a participação de 15 crianças das turmas de 4º e 5º anos. A dinâmica dos encontros foi construída por meio de roda de conversas, brincadeiras e jogos colaborativos, produção de poesias e cordéis, realização de saraus, desenho de mapas do território e sessões Cineclubistas.

As sessões cineclubistas mensais, inicialmente mediadas por coordenadores do projeto de cinema, passaram a ser mediadas pelas crianças participantes do referido grupo, organizadas em equipes de programação, produção, técnica e apresentação.

O primeiro grupo tinha a responsabilidade de escolher os filmes a partir do acervo de obras apresentadas pelos adultos coordenadores do projeto. Para tanto, com antecedência, elas assistiam aos filmes e definiam quais julgavam mais adequados para o público das diferentes idades, anotando a síntese das discussões em fichas e as informações sobre as obras.

De acordo com Rosália Duarte (2002, p. 91), para que “[...] a atividade seja produtiva, é preciso ver o filme antes de exibi-lo, recolher informações sobre ele e sobre outros filmes do mesmo gênero e elaborar um roteiro para discussão”. Tornar prática essa orientação foi o que as crianças fizeram.

Fomentar a curadoria com crianças demanda dedicação e sensibilidade. No mundo digital, facilmente pode-se encontrar informações e produções cinematográficas predominantemente vinculadas à indústria *hollywoodiana*. Trata-se de um conteúdo

que as crianças de diferentes idades e camadas sociais sabem acessar com maestria. Suas *expertises*, por vezes, superam a de seus/suas educadores/as.

O desafio é sabermos fazer uma seleção criteriosa, porque falar ou silenciar frente ao que está posto (imagem, som, cenas, personagens etc.), durante as sessões cineclubistas pode significar validar ou problematizar estereótipos, preconceitos, “verdades”, afinal, estamos diante de um artefato cultural construído por uma rede discursiva que, pouco a pouco, tece nossa subjetividade. Investigar essas sutilezas é um desafio da prática educacional.

Para as crianças, neste momento, a temática deveria atravessar as obras escolhidas, ou seja, os filmes precisam dialogar. Não poderia ser uma escolha meramente estética, motivada pelo interesse particular de algum membro do grupo. Como ressaltamos anteriormente, os filmes eram assistidos pela equipe e discutidos com antecedência. É possível pensar que todo esse protagonismo provocou uma entrega cada vez mais intensa dos participantes.

Esse é um momento muito importante da experiência cineclubista porque exige exercício da leitura das obras sem necessariamente descolar do encantamento. No grupo menor, com um tempo maior, esse acontecimento pode favorecer discussões como: o que conseguimos perceber? Quais emoções foram provocadas? Que relação têm essas narrativas e imagens em movimento com nossas vidas?

A afetação de cada criança frente às obras é uma experiência singular. A oportunidade de partilhar suas experiências subjetivas no coletivo favorece a construção do respeito à individualidade. Essa atitude torna a atividade cineclubista, no espaço escolar, um exercício de cidadania.

De acordo com Cezar Migliorin e Isaac Pipano (2019, p. 66), “... Os filmes falam, informam, articulam, mostram, apresentam”. As crianças discerniram esses elementos e trouxeram esses aspectos para sua discussão.

O segundo grupo estava comprometido com a produção dos audiovisuais, vídeos produzidos por eles durante os encontros e/ou os vídeos produzidos na sala de aula do turno regular e em suas casas. Embora existisse este grupo para conduzir o atendimento à referida demanda, quase sempre todos/as estavam envolvidos.

Os audiovisuais produzidos pelas crianças, na sua maioria, eram entrevistas realizadas junto aos colegas, professores/as e pessoas da comunidade, motivados por temas diversos: registros de seus cotidianos; apresentação de cenas dia a dia na escola, entre outros.

Ao refletir sobre como as crianças possuem desenvoltura para criar e produzir suas imagens hoje, Adriana Fresquet (2013) ressalta que elas partem para ação, desvendam o funcionamento de cada botão, perguntam bastante, mas, sobretudo, arriscam, testam. Para a autora, essa independência no uso dos equipamentos pode nos fazer supor um “tímido formato de emancipação, que, encorajado, pode extrapolar para outra forma de se relacionar com o desconhecido e com o conhecimento” (Fresquet, 2013, p. 103).

Observamos que, nesse processo, as crianças incluem; excluem; lidam com a ansiedade e com o tempo, abandonam modelos, silenciam para avaliar seus registros e, até pelo olhar, comunicam: Gostei! Não gostei! Em um clique, armazenam/jogam fora e recomeçam.

Dialogar entre os pares para definir a melhor cena, onde deveria acontecer o corte, voltar ao local e gravar novamente tornou-se um exercício corriqueiro. Ao planejarem e realizarem ajustes necessários, as crianças produziam seu modo próprio de ser e estar no mundo.

No terceiro grupo, ficavam as crianças responsáveis pela divulgação, organização do espaço físico, montagem dos equipamentos e convites. A equipe saía de sala em sala para anunciar a proposta de realização da sessão. Na ocasião, também colaboravam com os/as professores/as no deslocamento das crianças até o refeitório, espaço preparado para o acontecimento.

Uma sessão de Cineclube não é uma mera comunicação, é um convite, uma escolha a ser feita que independe da idade. O fato de o Cineclube acontecer no espaço escolar, integrado à agenda da escola, não o torna obrigatório, não está no rol das tarefas e processos avaliativos escolares. Reconhecer esse direito das crianças é fundamental.

Ao analisar a experiência cineclubista da Escola José Albino Pimentel, Inês Teixeira ressalta que “princípios do Movimento Cineclubista habitaram o *Cineclube do Quilombo: o coletivo e a livre expressão*. Nessa trilha, os/as profissionais da escola se abriram à escuta da palavra das crianças e adolescentes” (Teixeira, 2020, p. 25).

Inserir na rotina da escola uma programação cineclubista marcada pelo respeito aos interesses das crianças e sua liberdade de escolha é um avanço qualitativo. Fortalecer essa autonomia significa colocar em prática a compreensão de que elas são cidadãs de direito, um direito que deve ser atravessado pelo respeito a suas escolhas.

Quanto ao quarto grupo, observamos que ele se encarregava da mediação durante a sessão. Inicialmente, apresentavam brevemente uma ficha técnica do filme: título, ano, local, produtores. Depois da exibição, convidavam o grupo a compartilhar suas impressões, momento em que também lançavam perguntas, algumas previamente elaboradas, de modo a provocar mais reflexões.

É possível pensar que as crianças discerniram que, no Cineclube, exercita-se ouvir e falar; duvidar do que foi visto ou dito; perguntar por mera curiosidade; responder para ajudar no entendimento de todos/as; silenciar para viver intensamente o que deseja e respeitar opiniões divergentes, afinal, o trabalho centra-se em uma educação comprometida com um cinema que cria possibilidades de encontros, que fomenta a emancipação do olhar e abre-se para as incertezas, acolhendo-as.

Em outras palavras, as crianças expuseram que o prazer de se fazerem presentes em atividades dessa natureza reside na oportunidade de se revelarem ao mundo por meio das experiências coletivas, capacidade de exercer sua autonomia e gozar da liberdade de escolhas.

Como se vê, os dados nos fazem compreender que as crianças participaram da atividade cineclubista mobilizadas pelo prazer de viver essa experiência. Este prazer se manifestou na oportunidade de estarem presentes, não como meras espectadoras, mas como sujeitos ativos no processo, conversando sobre as obras, discutindo e decidindo a dinâmica das sessões.

Diante do exposto, acreditamos que, ao abrir as telas das produções cinematográficas com a participação efetiva das crianças, o cinema oportuniza o acolhimento de diferentes aprendizagens e mobiliza encontros dinâmicos entre as crianças e seus pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O célere crescimento das novas tecnologias tem fomentado o consumo crescente de conteúdos audiovisuais. Na palma da mão, pessoas de diferentes faixas etárias acessam conteúdos cinematográficos, utilizam câmeras digitais e, em um clique, conseguem produzir e enviar elaborações de autoria para diferentes lugares.

Nesse contexto, é crucial a construção de espaços que possibilitem às crianças, além desse acesso às produções audiovisuais, a capacidade de analisá-las, criar narrativas de autoria e conversar sobre elas. No Cineclube escolar, há acolhida e reflexão para essas produções, conforme foi possível identificar na experiência aqui investigada.

Ao problematizarmos como se configurou a relação das crianças com o Cineclube da Escola José Albino Pimentel, objetivamos, analisar a participação de crianças quilombolas no Cineclube escolar. Para tanto, realizamos uma Pesquisa Documental, momento em que lançamos mão dos textos elaborados pelas crianças nas suas práticas dentro do espaço escolar, além do caderno campo/memória da pesquisadora. Para análise dos documentos, utilizamos os procedimentos da técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009).

A participação das crianças quilombolas nas atividades cineclubistas da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel revelou que o Cineclube é espaço para diálogo com a comunidade escolar e, sobretudo, de encontro com seus pares.

Conforme pode ser observado na fala das crianças, a participação ativa ao longo da experiência cineclubista fez com que ela alcançasse sentido, o que também motivou a presença das crianças, razão pela qual elas disseram sim ao convite para se fazerem presentes.

Para além de assistir às obras, elas participaram planejando e mediando todo o processo das sessões. Não se contentaram com o lugar de apenas espectadoras: tomaram para si a responsabilidade de toda a realização do trabalho. De forma colaborativa, trabalharam desenvolvendo habilidades, construindo autonomia e ampliando seu potencial criativo e comunicativo.

Podemos afirmar que o Cineclube, para as crianças quilombolas da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel, promoveu uma cultura dialógica, espaço para o compartilhamento das emoções e das reflexões, constituindo-se sobretudo como um espaço de encontro.

Assim sendo, acreditamos que esta pesquisa reafirma a importância do Cineclube no espaço escolar, posto que ele amplia o repertório cultural das crianças, privilegia espaços para o fortalecimento da comunicação e dialoga com suas realidades de forma criativa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. F. S.; ARAGÃO, P. C. A arte cinematográfica na educação escolar quilombola: modos de educar Gurugi e Ipiranga. *Revista Discurso e Imagens Virtual em Educação*. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2018, p. 77-94.
- BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70 Lda, 2009.
- BERGALA, A. *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink – CINEAD- LISE-FE/UFRJ, 2008.

- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, 2002, p. 20-28.
- DIAZ BORDENAVE, J. E. *O que é participação*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- DUARTE, R. *Cinema & Educação*: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- ECKERT, G. L.; BAUMGRATZ, C. E.; HERMEL, E. E. S. Filmes, saúde e ensino de ciências: concepções dos alunos a partir do filme “Osmose Jones”. *Revista Contexto & Educação*, 37(117), 2022, p. 167–176.
- FRESQUET, A. *Cinema e Educação*: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e “fora” da escola. Autêntica editora. Belo Horizonte, 2013.
- GIL, G. *Íntegra do discurso do ministro Gilberto Gil* (2003). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>. Acesso em: 14 dez. 2021.
- GOUVÊA, M. C. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, maio/ago., 2011, p. 547-567.
- GUSMÃO, M. C. S.; TEIXEIRA, I. A. C. Quando a escola abraça o Cineclube. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 18, n. 105, 2012, p. 72-78.
- MARTINS, A. F. Becos e trânsitos entre escola e cinema. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2014.
- MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, set./out., 2018, p. 223-239.
- MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema*: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- MIGLIORIN, C.; PIPANO, I. *Cinema do Brincar*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- MINAYO, M. C. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SANTOS, E. G.; ARAÚJO, M. C. P.; CARVALHO, G. S. Educação em saúde, mediada por filme comercial, na formação de professores de ciências da natureza. *Revista Contexto & Educação*, 34(109), 2019, p. 74–89.
- TEIXEIRA, I. A. C. “Como um rio...”. In: RAMOS, A. B.; BARGUETE, F. L. (Org.) *Cartografia de imagens: filme-carta, formação e experimentação*. João Pessoa: Gráfica A União/grupo semente Cinematográfica, 2020.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.
- VALLE, L. D. Aprendendo a ser docente através de filmes: possíveis trânsitos entre cinema e educação. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

Autor correspondente:

Joseval dos Reis Miranda
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Campus I Lot. Cidade Universitaria, PB, 58051-900 João Pessoa/PB, Brasil
josevalmiranda@yahoo.com.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

